

apostas esportivas multiplas

Por Elthon Costa e Rafael Ramos

O boxe é frequentemente considerado um dos esportes mais antigos do mundo, mas não foi até as últimas décadas que o boxe feminino se tornou um esporte oficialmente sancionado nos Estados Unidos e no exterior.

Quando Katie Taylor e Amanda Serrano entraram no ringue em 30 de abril de 2022[1], marcaram um momento decisivo na história do boxe feminino.

Oficialmente, os quatro títulos de 135 libras de Taylor, conquistados ao longo de uma carreira profissional brilhante e imaculada de seis anos, foram colocados em jogo.

Extraoficialmente, isso sinalizou que o boxe feminino havia finalmente chegado.

Uma luta de boxe feminino nunca fora a atração principal do Madison Square Garden nos lendários 140 anos de história da arena.

Quando os ingressos foram colocados à disposição do público em fevereiro de 2022, foi a segunda maior pré-venda de boxe que o estádio já teve.

Taylor, 35, e Serrano, 33, circulavam uma outra história: elas quase lutaram em 2020, nos dias mais desafiadores da pandemia.

Elas são duas das lutadoras mais bem-sucedidas do boxe feminino, as primeiras na lista pound-for-pound (classificação usada em) Taylor não apenas afirmou seu lugar no topo, mas aumentou a discussão para ser chamada de maior boxeadora de todos os tempos.

A despeito do sucesso da luta, ao longo da história da chamada nobre arte, a instituição do boxe construiu séculos de escusos de desculpas e desculpas científicas ainda mais idiotas para excluir as mulheres.

As mulheres já foram obrigadas a usar placas de peito de alumínio para boxear e foram convidadas a usar saias no ringue em 2011[2].

A WBC, o sancionador mais reconhecido do esporte, sustenta até hoje que "a resistência das mulheres provou ser menor que a dos homens[3]" (algo que refutado pelos resultados das m)

discussões, como tal, não podem lutar em rounds de três